

RICHARD V. REEVES

SOBRE MENINOS E HOMENS



POR QUE A NOVA GERAÇÃO MASCULINA ESTÁ FICANDO PARA TRÁS
– UMA QUESTÃO URGENTE QUE PRECISA SER ENFRENTADA



RICHARD V. REEVES

**SOBRE
MENINOS
E
HOMENS**

**POR QUE A NOVA GERAÇÃO MASCULINA ESTÁ FICANDO PARA TRÁS
– UMA QUESTÃO URGENTE QUE PRECISA SER ENFRENTADA**

TRADUÇÃO
FÁBIO ALBERTI





PREFÁCIO

De pai preocupado para pesquisador preocupado

HOMENS E MENINOS ME TRAZEM PREOCUPAÇÃO HÁ 25 ANOS. ISSO É INEVITÁVEL quando criamos meninos, e eu criei três, todos agora homens adultos. George, Bryce, Cameron: o meu amor por vocês é infinito. E é por isso que às vezes me preocupo com vocês, até hoje. Mas a minha ansiedade se estendeu para o meu trabalho. Trabalho como pesquisador na Brookings Institution, com foco principal em igualdade de oportunidades, ou na falta delas. Até agora, eu havia prestado mais atenção às divisões de classe social e de raça. Mas agora estou muito mais preocupado com as desigualdades de gênero, e não me refiro a diferenças salariais, como talvez possa parecer. Tornou-se bastante claro para mim que um número cada vez maior de meninos e de homens estão enfrentando problemas na escola, no trabalho e na família. Eu costumava me preocupar com três meninos e com três homens jovens. Agora me preocupo com milhões deles.

Ainda assim, relutei em escrever este livro. Foram inúmeras as pessoas que me aconselharam a não fazer isso. No atual ambiente político, dar destaque a problemas de meninos e de homens é um passo arriscado. Um colunista de jornal amigo meu me disse: “Evito ao máximo abordar questões desse tipo. Isso só causa aborrecimento”. Alguns argumentam que se trata de manobra para desviar a atenção dos desafios que meninas e mulheres ainda enfrentam. Acredito que esse é um falso dilema. Como defensor da igualdade de gêneros, eu penso muito em como dar fim à disparidade salarial entre mulheres e homens. (As mulheres ganham 82 dólares para cada cem dólares que os homens ganham).¹ Como você verá, penso que as soluções para esse problema envolvem uma divisão mais justa dos cuidados com os filhos, acompanhada de uma licença remunerada generosa tanto para mães como para pais. Mas estou igualmente preocupado com a distância no nível de escolaridade verificado na direção oposta, que é apenas um sintoma do grande e crescente fosso entre os

gêneros na educação. (As mulheres obtêm cem diplomas universitários para cada 74 diplomas obtidos por homens.)²

Para esse caso, proponho uma reforma simples, porém radical: colocar os meninos na escola um ano mais tarde do que as meninas. Em outras palavras, reformular os empregos para que sejam mais justos para as mulheres e remodelar as escolas para que sejam mais justas para os meninos. Podemos ter em mente dois pensamentos ao mesmo tempo. Podemos ser defensores dos direitos das mulheres e também solidários para com meninos e homens vulneráveis.

Evidentemente, não sou o primeiro a escrever sobre meninos e homens. Sigo os passos de Hanna Rosin (*The End of Men*), Andrew L. Yarrow (*Man Out*), Kay Hymowitz (*Manning Up*), Philip Zimbardo e Nikita Coulombe (*Man, Interrupted*), Warren Farrell e John Gray (*The Boy Crisis*), entre vários outros. Então por que escrevo este livro, e por que agora? Gostaria de poder dizer que tenho um único e simples motivo para isso. Mas a verdade é que foram seis os motivos que me levaram a escrever.

Em primeiro lugar, as coisas estão piores do que eu imaginava. Eu sabia de algumas notícias sobre rapazes em dificuldades na escola e na universidade, sobre homens perdendo terreno no mercado de trabalho e pais perdendo o jeito com os seus filhos. Pensei que algumas dessas notícias fossem exageradas. Contudo, quanto mais me aprofundava na questão, mais sombrio o quadro se tornava. A discrepância de gênero no que se refere a diplomas obtidos é mais ampla hoje do que era no início da década de 1970, porém na direção oposta.³ Os salários da maioria dos homens são menores hoje do que eram em 1979, ao passo que os salários das mulheres aumentaram de maneira geral.⁴ Um em cada cinco pais não vive com seus filhos.⁵ Os homens respondem por duas em cada três “mortes por desespero”, por meio de suicídio ou overdose.⁶

Em segundo lugar, os meninos e os homens que enfrentam as maiores dificuldades são os que se encontram sob a desvantagem de outras desigualdades, sobretudo de classe social e de raça. Os meninos e homens que mais me preocupam são os que estão na parte inferior da ordem econômica e social. A maioria dos homens não participa da elite, e um número ainda menor de meninos está destinado a ocupar o seu lugar. Em 1979, os ganhos semanais do homem norte-americano médio que havia completado a sua educação com um diploma do ensino médio eram, em valores atuais, de 1017 dólares. Esses ganhos hoje são 14% menores, de 881 dólares.⁷ Segundo a revista *The Economist*: “O fato de haver muitos pés masculinos pisando os degraus mais altos não serve de consolo para os homens que estão nos degraus de baixo”.⁸ Os homens que estão no topo ainda prosperam, mas os homens em geral não. Principalmente se forem negros.

“Ser homem, pobre e afro-americano [...] é enfrentar, todos os dias, um racismo profundamente arraigado que existe em toda instituição social”, escreve a minha colega Camille Busette.⁹ “Nenhum outro grupo demográfico se saiu tão mal, de maneira tão persistente e por tanto tempo.” Homens negros enfrentam o racismo institucional e também o racismo *de gênero*, incluindo discriminação no mercado de trabalho e no sistema de justiça criminal.¹⁰

Em terceiro lugar, não resta dúvida para mim de que os problemas de meninos e homens são de natureza estrutural e não individual, mas raras vezes são tratados como tais. O problema *com* os homens costuma ser classificado como um problema *dos* homens. Os homens é que devem ser aprimorados, um homem ou menino por vez. Essa abordagem individualista é equivocada. Os garotos estão ficando para trás na escola e na faculdade porque o sistema educacional é estruturado de modo que os coloca em desvantagem. Os homens estão passando por dificuldades no mercado de trabalho devido a uma mudança econômica que afasta os empregos tradicionalmente masculinos. E a figura do pai está deslocada porque o papel cultural de provedor da família foi esvaziado. O mal-estar dos homens não é consequência de um colapso psicológico generalizado, mas sim de desafios estruturais profundos.

“Quanto mais reflito sobre o que os homens perderam — um papel útil na vida pública, um modo decente e confiável de ganhar a vida, valorização no lar, culturalmente um tratamento respeitoso”, escreveu a autora feminista Susan Faludi em seu livro *Domados*, de 1999, “mais me parece que os homens do final do século xx estão se encaixando numa condição estranhamente semelhante à das mulheres da metade do século”.¹¹

Em quarto lugar, fiquei estupefato ao descobrir que muitas intervenções de política social, entre as quais algumas das mais celebradas, não ajudam homens e meninos. A que primeiro chamou a minha atenção foi um programa de faculdade gratuita em Kalamazoo, no Michigan. Segundo a equipe de avaliação, “as mulheres obtêm ganhos muito expressivos” no que diz respeito à conclusão do ensino superior (um aumento de quase 50%), “enquanto os homens não parecem obter benefício algum”.¹² Trata-se de uma descoberta impressionante. Tornar a faculdade totalmente gratuita não surtiu efeito sobre os homens. Ocorre, porém, que existem dezenas de programas que beneficiam meninas e mulheres mas não meninos e homens: Um programa de aconselhamento estudantil em Fort Worth, Texas; um programa de escolha de faculdade em Charlotte, Carolina do Norte; incremento de renda para pessoas de baixa renda na cidade de Nova York, e muito mais. A flagrante inutilidade dessas intervenções em auxiliar meninos ou homens é no mais das vezes camuflada por um resultado *médio* positivo, devido ao

resultado fortemente positivo para mulheres ou meninas. Isoladamente, o hiato de gênero pode ser visto como peculiaridade de uma iniciativa específica. Mas é um padrão que se repete. Desse modo, não apenas são muitos os meninos e homens em dificuldades como também é menor a probabilidade de que sejam auxiliados por intervenções políticas.

Em quinto lugar, existe um impasse político em questões de sexo e de gênero. Ambos os lados mergulharam numa posição ideológica que inibe a mudança real. Os progressistas se recusam a aceitar que desigualdades relevantes de gênero possam ocorrer em ambas as direções, e prontamente rotulam os problemas dos homens como sintomas de “masculinidade tóxica”. Os conservadores parecem mais sensíveis às questões dos meninos e dos homens, mas somente como justificativa para voltar atrás no tempo e restaurar papéis tradicionais de gênero. A esquerda diz aos homens: “Seja mais como a sua irmã”. A direita lhes diz: “Seja mais como o seu pai”. Nenhum desses apelos é útil. É necessária uma visão positiva da masculinidade que seja compatível com a igualdade de gênero. Como um opositor consciente nas guerras culturais, espero ter fornecido uma avaliação da condição de meninos e homens que possa atrair amplo apoio.

Em sexto lugar, como analista político, me sinto preparado para oferecer algumas ideias positivas para enfrentar esses problemas em lugar de simplesmente lamentar a existência deles. Já houve lamentação demais. Nas áreas de educação, trabalho e família, ofereço algumas soluções práticas baseadas em evidências para auxiliar os meninos e os homens que enfrentam mais problemas. (É provavelmente importante informar de antemão que o meu foco são os desafios enfrentados por homens heterossexuais, que nos Estados Unidos são cerca de 95% dos homens).¹³

Na primeira parte deste livro, apresento evidências do mal-estar masculino, mostrando as dificuldades contra as quais meninos e homens lutam na escola e na faculdade (capítulo 1), no mercado de trabalho (capítulo 2) e na vida em família (capítulo 3). Na segunda parte, dou destaque às desvantagens ainda maiores enfrentadas por meninos e homens negros, que sofrem racismo de gênero (capítulo 4), e também abordo a situação de meninos e homens que se encontram na parte inferior da pirâmide social (capítulo 5). Também mostro as evidências crescentes de que muitas intervenções políticas não funcionam bem para meninos e homens (capítulo 6). Na terceira parte, abordo a questão das diferenças de sexo, argumentando que a natureza e *também* a educação importam (capítulo 7).

Na quarta parte do livro, descrevo o nosso impasse político, mostrando como os políticos estão piorando a situação em vez de enfrentarem esse desafio. A esquerda progressista rejeita preocupações legítimas a respeito de meninos e

homens e trata a masculinidade como doença (capítulo 8). A direita populista usa a perturbação masculina como arma e oferece falsas promessas embaladas em nostalgia retrógrada (capítulo 9). Para os partidários, trata-se de guerra contra as mulheres ou de guerra contra os homens. Escolha um lado. Por fim, na quinta parte, ofereço algumas soluções. Mais especificamente, proponho medidas visando um sistema educacional amigável às pessoas do sexo masculino (capítulo 10); para ajudar homens a ocuparem empregos nas áreas em expansão da saúde, da educação, da administração e da cultura (capítulo 11); e para dar apoio à paternidade como uma instituição social independente (capítulo 12).

“Jamais ocorreria a um homem”, escreveu Simone de Beauvoir, “escrever um livro sobre a situação peculiar do macho humano.”¹⁴ Mas isso foi em 1949. Agora a situação peculiar do macho humano exige urgente atenção. Temos de ajudar os homens a se adaptarem às mudanças drásticas de décadas recentes sem lhes pedir para que parem de ser homens. Precisamos de uma masculinidade pró-social para um mundo pós-feminista.¹⁵ E precisamos disso rápido.

PARTE 1

O MAL-ESTAR MASCULINO

1. AS GAROTAS LIDERAM

Os meninos estão em desvantagem na educação

CAROL FRANCES, EX-ECONOMISTA-CHEFE NO AMERICAN COUNCIL ON
Education [Conselho Americano de Educação] descreve o fato como um “avanço espetacular”, um “sucesso fenomenal”.¹ Stephan Vincent-Lanocrin, analista sênior no Centre for Educational Research and Innovation [Centro para a Pesquisa e Inovação Educacional] da Organization for Economic Cooperation and Development [Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico], afirma que se trata de algo “assombroso... as pessoas mal conseguem acreditar”.² Para Hanna Rosin, autora de *The End of Men*, é “a mais estranha e mais profunda mudança do século, e como se não bastasse, ainda ocorre de maneira semelhante praticamente no mundo inteiro”.³

Frances, Vincent-Lanocrin e Rosin se referem ao hiato de gênero na educação. No intervalo de apenas algumas poucas décadas, meninas e mulheres não somente alcançaram meninos e homens na sala de aula como também os ultrapassaram. Em 1972, o governo norte-americano aprovou a memorável lei Título IX para promover a igualdade de gênero no ensino superior. Havia na época uma diferença de 13 pontos percentuais — a favor dos homens — relacionada a diplomas universitários obtidos por homens e por mulheres.⁴ Em 1982, essa diferença desapareceu. Em 2019, o hiato de gênero relacionado a diplomas de graduação foi de 15%, maior do que em 1972 — porém invertido.⁵

O desempenho fraco de meninos na sala de aula, especialmente de meninos negros e de meninos de famílias mais pobres, prejudica seriamente as suas perspectivas de emprego e de ascensão econômica. Reduzir essa desigualdade não será fácil, dadas as atuais tendências, muitas das quais pioraram durante a pandemia. Nos Estados Unidos, por exemplo, a diminuição das matrículas escolares em 2020 foi sete vezes maior para estudantes do sexo masculino do que para estudantes do sexo feminino.⁶ Os estudantes do sexo masculino também têm mais dificuldade com a aprendizagem on-line e, à medida que a dimensão

da perda de aprendizagem se torna mais clara nos meses e anos seguintes, parece quase certo que será mais acentuada para os meninos e os homens.⁷

O primeiro desafio é persuadir os formuladores de políticas de que agora os meninos é que estão em desvantagem na educação. Alguns argumentam que é prematuro mostrar preocupação com o hiato de gênero na educação, pois a disparidade salarial ainda é desfavorável às mulheres. Falarei mais sobre disparidade salarial no capítulo 2; por enquanto, basta dizer que o mercado de trabalho continua estruturado em favor de trabalhadores sem grandes responsabilidades no que diz respeito a cuidar de crianças, e esses trabalhadores são em sua maioria homens. Ao mesmo tempo, porém, o sistema educacional é estruturado em favor de meninas e mulheres, pelas razões que apresentarei neste capítulo. Desse modo, temos um sistema educacional que favorece garotas e um mercado de trabalho que favorece homens. Dois erros não fazem um acerto. Precisamos corrigir ambos. Desigualdades são um problema, independentemente do lado em que ocorram. Vale notar também que, enquanto as mulheres vêm alcançando rapidamente os homens no mercado de trabalho, meninos e homens ficam cada vez mais para trás na sala de aula. Um hiato está diminuindo, e o outro está aumentando.

Vou começar descrevendo as defasagens entre homens e mulheres (hiatos de gênero) no ensino fundamental e no ensino médio, e em seguida indicar o que acredito ser a sua causa principal: os ritmos bem diferentes de amadurecimento de meninos e meninas, sobretudo na adolescência. Depois relacionarei algumas das desigualdades que resultam disso no ensino superior. Em resumo, existem hiatos de gênero evidentes em cada estágio, e no mundo inteiro, e muitos desses hiatos continuam a se ampliar. Mas os formuladores de políticas, como cervos diante de faróis, ainda não reagiram.

AS NOTAS MAIS ALTAS SÃO DAS MENINAS

O que você sabe sobre a Finlândia? Que é a nação mais feliz do mundo? De fato.⁸ Que tem um sistema escolar soberbo? Bem, não exatamente. A Finlândia sempre figura no topo ou perto do topo do ranking internacional de desempenho educacional — mas isso acontece graças às garotas. A cada três anos a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) administra uma pesquisa de habilidades em leitura, matemática e ciências entre jovens de quinze anos. Trata-se do teste PISA (Programme for International Student Assessment), um programa de avaliação de estudantes que é alvo de grande

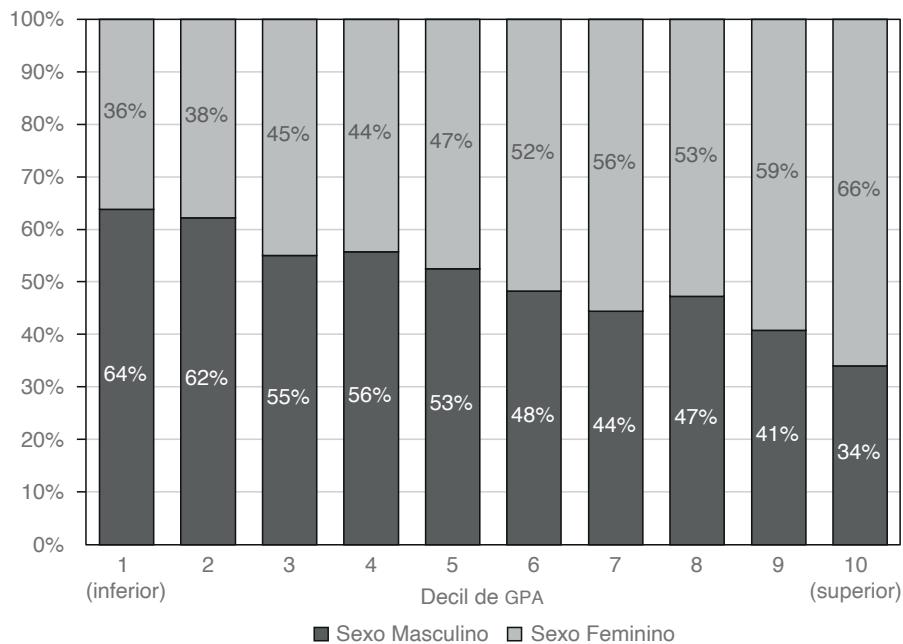
atenção por parte dos formuladores de políticas. A Finlândia é um bom lugar para se analisar os hiatos de gênero na educação porque é uma nação com excelente desempenho educacional (com efeito, não seria exagero dizer que, sempre que os resultados do PISA são publicados, os outros países não conseguem disfarçar a inveja que sentem da Finlândia). Contudo, embora os estudantes finlandeses obtenham classificação muito alta no desempenho geral no PISA, existe um enorme hiato de gênero: 20% das meninas finlandesas obtêm as pontuações mais altas em leitura no teste, em comparação com somente 9% dos meninos.⁹ Entre os alunos com as pontuações mais baixas em leitura, o hiato de gênero se inverte: 20% de meninos versus 7% de meninas. Na maioria das avaliações, as meninas finlandesas também superaram os meninos em ciências e em matemática. O resultado final é que o desempenho educacional internacionalmente aclamado da Finlândia deve-se inteiramente ao espantoso desempenho das finlandesas. (Na verdade, os meninos norte-americanos pontuam tão bem quanto os meninos finlandeses no teste de leitura do PISA.)

Isso pode ter algumas implicações para os reformadores da educação que vão à Finlândia em busca de reproduzir o sucesso dessa nação, mas é apenas um exemplo particularmente vívido de uma tendência internacional. No ensino fundamental e no médio no mundo todo as meninas estão deixando os meninos para trás. As garotas estão cerca de um ano à frente dos meninos em termos de habilidade em leitura nas nações da OCDE, em comparação com uma vantagem minúscula e minguante para meninos em matemática.¹⁰ A possibilidade de os meninos tirarem notas insuficientes em todas as três principais matérias escolares — matemática, leitura e ciências — é 50% maior do que a das meninas.¹¹ A Suécia está começando a combater o que foi chamado de *pojkkrisen* (crise dos garotos) em suas escolas. A Austrália desenvolveu um programa de leitura que recebeu o nome de Boys, Blokes, Books and Bytes.

Nos Estados Unidos, há décadas as meninas são o gênero mais forte na escola. Porém agora avançaram ainda mais, sobretudo em termos de leitura e competências verbais. As diferenças aparecem cedo. As garotas têm uma probabilidade 14% maior que a dos meninos de entrarem em “idade escolar” aos cinco anos de idade, por exemplo, levando-se em conta as características dos pais. Esse é um fosso muito maior do que o que existe entre crianças ricas e pobres, ou entre crianças brancas e negras, ou entre as que frequentam a pré-escola e as que não frequentam.¹² Uma diferença entre os gêneros de 6 pontos percentuais em proficiência em leitura no quarto ano aumenta para uma diferença de 11 pontos percentuais no final do oitavo ano.¹³ Em matemática, uma diferença de 6 pontos percentuais favorável aos meninos no quarto ano cai para

FIGURA 1.1 – AS NOTAS MAIS ALTAS SÃO DAS MENINAS

Composição por gênero da classificação por média de notas (GPA) do ensino médio (decis)



Observação: A figura mostra o GPA total do ensino médio de alunos que eram calouros em 2009.

Fonte: U.S. Department of Education, National Center for Education Statistics, High School Longitudinal Study 2009.

1 ponto no oitavo ano.¹⁴ Em um estudo baseado em exames do país inteiro, Sean Reardon, acadêmico de Stanford, não detectou nenhuma diferença significativa em matemática do terceiro ao oitavo ano, mas encontrou uma diferença expressiva em inglês. “Em quase todos os distritos escolares dos Estados Unidos as alunas superaram os alunos em testes de língua e literatura inglesa”, ele escreveu. “Em um distrito médio, a diferença é [...] de cerca de dois terços de um nível escolar, e supera os efeitos da maioria das intervenções em grande escala em educação.”¹⁵

A liderança feminina se solidificou no ensino médio. As garotas sempre ficaram em vantagem sobre os meninos no que se refere à média de notas (GPA), mesmo meio século atrás, quando sem dúvida tinham menos incentivo que os meninos, em virtude das diferenças nas taxas de frequência do ensino superior e nas expectativas de carreira. Mas a vantagem delas se acentuou nas últimas

décadas. A nota mais comum no ensino médio para as meninas é agora “A”, ao passo que para os meninos é “B”.¹⁶ Como mostra a Figura 1.1, as meninas são atualmente dois terços dos estudantes do ensino médio situados entre os 10% mais bem classificados segundo a média de notas, ao passo que as posições se invertem no degrau inferior.

As meninas têm também chances muito maiores de frequentarem cursos e programas de nível universitário para estudantes do ensino médio (Advanced Placement e International Baccalaureate).¹⁷ Evidentemente, as tendências nacionais escondem enormes variações geográficas, motivo pelo qual é útil realizar uma abordagem mais detalhada e analisar locais específicos. Em Chicago, por exemplo, os alunos dos bairros mais ricos têm chances bem maiores de obter média A ou B no nono ano (47%) do que os alunos dos bairros mais pobres (32%).¹⁸ Essa é uma grande diferença de classe, o que, levando-se em conta que Chicago é a metrópole mais segregada do país, também significa uma grande diferença racial. Surpreendentemente, porém, a diferença na proporção de meninas e meninos que obtêm notas altas é a mesma: 47% a 32%. Se você estiver se perguntando se as notas do primeiro ano do ensino médio são muito importantes, elas de fato são, e antecipam fortemente os resultados escolares futuros. Como ressaltam os pesquisadores de Chicago que analisaram esses dados, “As notas refletem diversos fatores valorizados pelos professores, e esse aspecto multidimensional é justamente o que faz das notas bons indicadores de resultados significativos”.

É verdade que os meninos ainda têm desempenho um pouco melhor que o das garotas na maioria dos testes padronizados. Mas essa diferença diminui acentuadamente, caindo para 13 pontos no SAT (versão norte-americana do Enem) e desaparecendo no ACT.¹⁹ Convém também observar aqui que de qualquer maneira as pontuações do SAT e do ACT são muito menos importantes, considerando que as faculdades estão deixando de utilizá-las nas admissões, o que, sejam quais forem os outros méritos que possam ter, parece acentuar ainda mais o hiato entre os gêneros no ensino médio. Eis um exemplo mais curioso da diferença de gênero. Todos os anos o *New York Times* realiza um concurso editorial para estudantes do ensino fundamental e do médio e publica as opiniões dos vencedores. Os organizadores me informaram que entre os candidatos há uma proporção de “2 para 1, provavelmente quase de 3 para 1” entre meninas e meninos.²⁰

Já não deve mais causar surpresa saber que os meninos têm menos possibilidade de concluir o ensino médio do que as meninas. Em 2018, nos Estados Unidos, 88% das meninas concluíram o ensino médio dentro do prazo (isto é, quatro anos depois da matrícula), em comparação com 82% dos meninos.²¹ A taxa de graduação masculina é somente um pouco maior que 80% entre os

alunos pobres. Pareceu-me que seria fácil conseguir esses números realizando uma busca rápida no Google. Era o que eu pensava quando comecei a escrever este parágrafo. Na verdade, porém, a Brookings teve de realizar um breve trabalho de investigação para ter acesso a eles, e por motivos que são reveladores. Uma lei federal estadunidense exige que os estados comuniquem as taxas de conclusão do ensino médio por raça e etnia, proficiência em inglês, situação de desvantagem econômica, indigência e situação de abrigo. Dados desse tipo são valiosos para a avaliação das tendências dos grupos em maior risco de evasão escolar. Contudo, curiosamente, os estados *não são* obrigados a comunicar os seus resultados por gênero. Para obter os números mencionados acima foi necessário pesquisar os dados de cada estado. Uma campanha sem fins lucrativos vigorosa, a Grad Nation, busca aumentar o índice global de conclusão do ensino médio nos Estados Unidos para 90% (contra 85% em 2017).²² É uma grande meta. A campanha ressaltou que atingir esse objetivo exigirá melhorias entre “estudantes não brancos, estudantes com deficiência e estudantes de baixa renda”. Não resta dúvida quanto a isso. Mas falhou num objetivo muito importante: os meninos. Afinal, as meninas estão a apenas 2 pontos percentuais do objetivo, ao passo que os rapazes estão 8 pontos percentuais abaixo dele.

É SÓ UMA QUESTÃO DE TEMPO (PARA QUE O CÉREBRO SE DESENVOLVA)

O que está acontecendo? Existem diversas explicações possíveis. Alguns acadêmicos associam o desempenho relativamente ruim dos meninos às suas expectativas mais baixas em relação à educação superior, o que é seguramente a própria definição de um círculo vicioso.²³ Outros temem que a grande predominância de professoras — três de cada quatro profissionais — possa colocar os meninos em desvantagem.²⁴ Isso é relevante, sem dúvida. Mas acredito que haja uma explicação mais abrangente e mais simples bem diante dos nossos olhos. Os cérebros dos meninos se desenvolvem mais lentamente, sobretudo nos anos mais difíceis do ensino médio. Quando quase um em cada quatro meninos (23%) é classificado como pessoa que tem “deficiência de desenvolvimento”, é razoável que nos perguntemos se quem não funciona de modo apropriado são as instituições e não os meninos.²⁵

Em *Age of Opportunity: Lessons from the New Science of Adolescence*, Laurence Steinberg escreveu que “os adolescentes em idade escolar tomam decisões melhores quando estão calmos, bem descansados e conscientes de que serão

recompensados por suas boas escolhas”.²⁶ Ao que a maioria dos pais, ou qualquer um que pensasse em seus próprios anos de adolescência, poderia responder: “Certo, conte-me algo que eu já não saiba”. Mas os adolescentes têm predisposição a agir de modo que dificulta “fazer boas escolhas”. Quando somos jovens, fugimos da cama para ir a festas; quando velhos, fugimos das festas para ir para a cama. Steinberg mostra como a adolescência é essencialmente uma batalha entre a parte do nosso cérebro que busca sensações (*Vá à festa! Esqueça a escola!*) e a parte do cérebro que controla os impulsos (*Eu preciso mesmo estudar esta noite*).

É proveitoso pensar nisso como o correspondente psicológico dos pedais do acelerador e do freio de um carro. Na adolescência, o cérebro prefere o acelerador. Procuramos experiências novas e excitantes. O controle dos impulsos — o mecanismo de frenagem — desenvolve-se mais tarde. Como o biólogo e neurologista de Stanford Robert Sapolsky escreveu em seu livro *Comporte-se: A biologia humana em nosso melhor e pior*, “Não existe a menor possibilidade de que o córtex frontal imaturo neutralize um sistema de dopamina como esse”.²⁷ Há aqui implicações óbvias para a formação e para a importância de auxiliar os adolescentes no desenvolvimento de estratégias de autorregulação.

Portanto, a adolescência é um período no qual a nossa dificuldade para nos controlar é maior. Mas essa dificuldade é muito maior para os meninos do que para as meninas, porque eles aceleram mais e têm menos capacidade para frear. As partes do cérebro associadas ao controle dos impulsos, ao planejamento e à orientação tendo em vista o futuro, por vezes denominadas “CEO do cérebro”, encontram-se principalmente no córtex pré-frontal, que amadurece nas meninas cerca de dois anos antes que nos meninos.²⁸ O cerebelo, por exemplo, alcança o seu tamanho máximo nas meninas aos onze anos de idade, mas nos meninos apenas aos quinze anos. Entre outras coisas, o cerebelo “tem efeito modulador nas capacidades emocionais, de cognição e de regulação”, de acordo com o neurocientista Gokcen Akyurek.²⁹ Sei bem disso, dr. Akyurek, tenho três filhos. Essas descobertas são condizentes com os resultados de estudos sobre atenção e autorregulação, nos quais as maiores discrepâncias entre os sexos ocorrem durante a adolescência, em parte pelo efeito da puberdade no hipocampo, região do cérebro associada à atenção e à cognição social.³⁰ A resposta correta à pergunta feita a tantos adolescentes do sexo masculino — “Por que você não pode ser mais como a sua irmã?” — seria a seguinte: “Porque, mãe, existem trajetórias sexualmente dimórficas para a massa cinzenta cortical e subcortical!” (E volta ao videogame.)

Embora partes do cérebro tenham de se desenvolver, algumas fibras cerebrais têm de ser reduzidas para que nossas funções neurais melhorem. É estranho pensar que partes do nosso cérebro têm de ser menores para serem mais eficientes, mas isso é verdade. O cérebro basicamente poda a si próprio; pense nisso como o ato de aparar uma árvore para mantê-la com bom aspecto. Esse processo de poda é importante sobretudo no desenvolvimento da adolescência. Um estudo envolvendo a utilização de imagens cerebrais detalhadas de 121 pessoas com idades entre quatro e quarenta anos concluiu que esse processo acontece mais cedo nas meninas que nos meninos. A diferença é maior em torno dos dezesseis anos.³¹ A jornalista científica Krystnell Storr escreveu que essas constatações “se juntam ao crescente corpo de pesquisa que examina as diferenças de gênero no que diz respeito ao cérebro [...]. A ciência aponta para uma diferença no modo como os nossos cérebros se desenvolvem. Quem pode discordar disso?”³² (Bem, alguns tantos; mas voltarei a esse assunto mais tarde.)

Como sempre, é importante ter em mente que estamos falando de médias. Porém não acredito que essa evidência cause espanto a muitos pais. “Na adolescência, as meninas se encontram mais desenvolvidas, em média, de dois a três anos com relação ao pico das suas sinapses e aos seus processos de conectividade”, afirmou Frances Jensen, presidente do Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina Perelman, da Universidade da Pensilvânia. “Esse fato não é surpresa para a maioria das pessoas se pensarmos em meninos e meninas de quinze anos.”³³

Não tenho filhas, mas posso afirmar que, quando os meus filhos levavam amigas para casa quando estavam no fundamental 11 e no ensino médio, a diferença em termos de maturidade costumava ser surpreendente. O hiato de gêneros no desenvolvimento de habilidades e características mais importantes para o êxito acadêmico é mais acentuado justamente na época em que os alunos precisam se preocupar com o seu GPA, preparar-se para os exames e evitar problemas.³⁴ Um informe de 2019 sobre a importância da nova ciência da adolescência das Academias Nacionais de Ciências, Engenharia e Medicina sugere que “as diferenças entre os sexos nas associações entre o desenvolvimento cerebral e a puberdade são relevantes para a compreensão [...] das evidentes disparidades de gênero durante a adolescência”.³⁵ Mas essa ciência que desponta sobre as diferenças entre os sexos no desenvolvimento do cérebro, sobretudo na adolescência, não teve até agora nenhum impacto na política educacional. O capítulo sobre política educacional do informe das Academias Nacionais, por exemplo, não traz propostas específicas relacionadas às diferenças que identificou entre gêneros.

O debate acerca da importância das diferenças neurológicas entre os sexos, que pode ser muito acalorado, está mal estruturado no que diz respeito à educação. Sem dúvida, existem algumas diferenças de natureza biológica na psicologia masculina e na feminina que permanecem até depois da adolescência. Seguramente, porém, a maior diferença não está no *modo* como o cérebro feminino e masculino se desenvolvem, mas sim em *quando* se desenvolvem. O ponto principal é que a relação entre idade cronológica e idade de *desenvolvimento* é bastante diferente para meninos e meninas. De um ponto de vista neurocientífico, o sistema educacional tende a favorecer as meninas. Não é necessário dizer que essa não era a intenção. Afinal, foram principalmente os homens que criaram o sistema educacional; não existe uma conspiração feminista secular para prejudicar os meninos. O preconceito estrutural de gênero no sistema educacional era mais difícil de perceber quando as meninas eram dissuadidas de optar por uma formação superior ou uma carreira e eram em vez disso direcionadas para funções domésticas.³⁶ Depois que o movimento feminista abriu essas oportunidades a meninas e mulheres, as suas vantagens se tornam mais claras ano após ano.

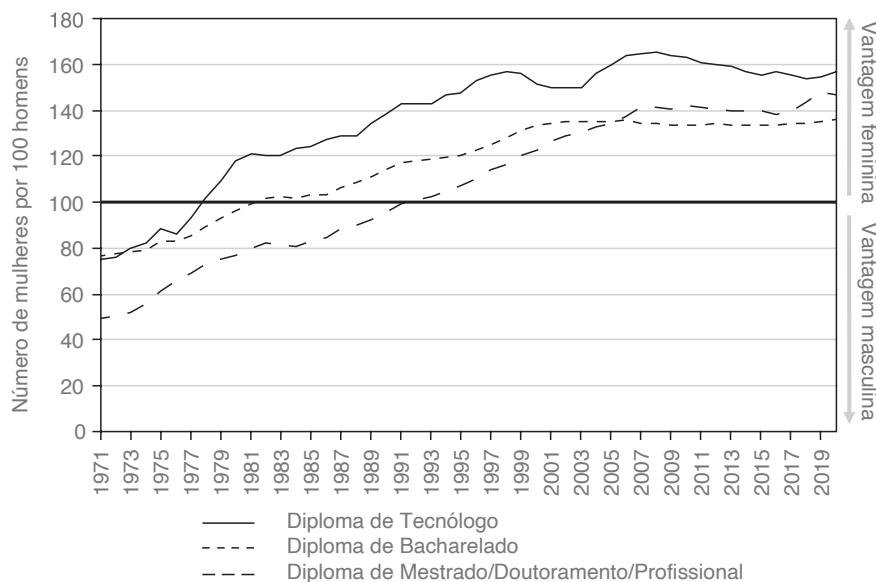
CIDADES UNIVERSITÁRIAS CORES-DE-ROSA

A distância entre os gêneros se amplia mais no ensino superior. Nos Estados Unidos, 57% dos diplomas de graduação são atualmente entregues a mulheres, e não somente em cursos considerados tipicamente “femininos”: as mulheres respondem por quase metade (47%) dos diplomas de graduação em administração, por exemplo, em comparação com menos de um em cada dez em 1970.³⁷ As mulheres hoje obtêm a maioria dos diplomas de direito, ao passo que em 1970 conseguiam cerca de um em cada vinte.³⁸ A Figura 1.2 mostra a disparidade entre os gêneros na porcentagem de diplomas concedidos nos níveis de tecnólogo, bacharelado ou graduação de 1970 a 2019.³⁹

O fosso entre os gêneros é maior hoje do que era em 1972, porém no sentido inverso; em 1972, foi aprovada a lei histórica estadunidense para a igualdade entre os sexos, conhecida como Título IX. As mulheres têm obtido três em cada cinco mestrados e graus de tecnólogo, e o aumento foi ainda mais significativo nos diplomas profissionais.⁴⁰ A porcentagem de doutoramentos em odontologia, medicina ou direito conquistados por mulheres passou de 7% em 1972 para 50% em 2019.⁴¹ O predomínio das mulheres no campus universitário também se revela em áreas não acadêmicas. Em 2020, as revistas de direito em cada uma das dezenas faculdades de direito mais importantes tinham uma mulher como editora-chefe.⁴²

FIGURA 1.2 — A GRANDE REVIRAVOLTA NA EDUCAÇÃO

Diplomas obtidos por mulheres por cada 100 homens nos EUA, 1971-2019



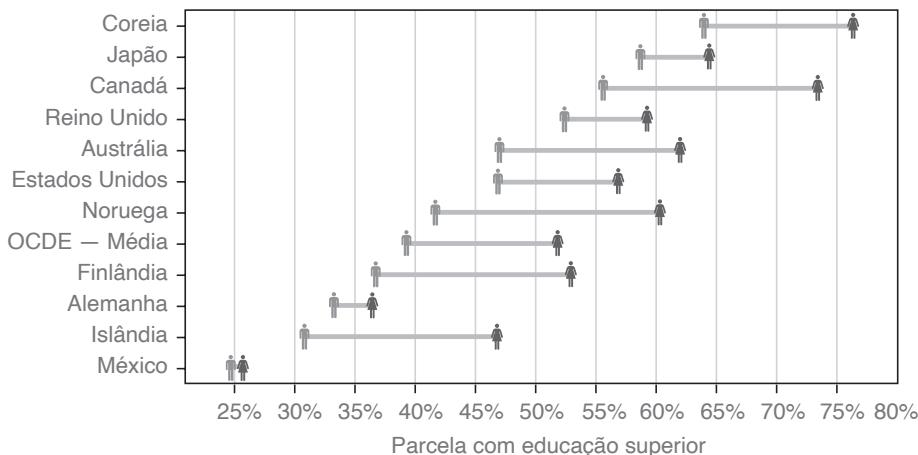
Observação: Diplomas de mestrado, profissional, doutorado e direito incluídos em diplomas de pós-graduação. *Fonte:* U.S. Department of Education, National Center for Education Statistics, "Diplomas concedidos por instituições que conferem certificados, por nível de graduação e sexo do estudante" (2005 e 2020).

Como Rosin observou, essa tendência é global. Em 1970, ano seguinte ao do meu nascimento, somente 31% dos diplomas de graduação eram concedidos a mulheres britânicas. Duas décadas depois, quando deixei a faculdade, eram 44%. Hoje em dia, são 58%.⁴³ Atualmente, 40% das jovens britânicas ingressam na universidade aos dezoito anos de idade, em comparação a 29% dos seus pares do sexo masculino.⁴⁴ "O mundo está despertando para esse problema", diz Eyjolfur Gudmundsson, reitor da Universidade de Akuryri, na Islândia, onde 77% dos estudantes universitários são mulheres.⁴⁵ A Islândia é um estudo de caso interessante, já que é o país mais igualitário do mundo no que diz respeito a gênero, segundo o Fórum Econômico Mundial.⁴⁶ As universidades islandesas estão tentando inverter a enorme desigualdade de gênero na educação. "Esse assunto não é tratado nos meios de comunicação", diz Steinunn Gestsdottir, vice-reitora da Universidade da Islândia. "Mas os elaboradores de políticas estão preocupados com essa tendência."⁴⁷ Na Escócia, os formuladores de políticas abandonaram a

FIGURA 1.3 — NO MUNDO TODO AS MULHERES SÃO MAIS INSTRUÍDAS

Porcentagem de pessoas com idades entre 25 e 34 anos que concluíram o ensino superior, por gênero

Países selecionados da OCDE



Observação: O ano correspondente varia pouco de país para país.

Fonte: OCDE, "Educational Attainment and Labour-Force Status: ELS – Population Who Attained Tertiary Education, by Sex and Age Group". Acesso em: 15 nov. 2021.

fase da preocupação e passaram para a fase da ação, estabelecendo o objetivo concreto de aumentar a representatividade masculina em todas as universidades escocessas.⁴⁸ É uma abordagem que deveria ser seguida por outros países.

É verdade que algumas áreas, como engenharia, informática e matemática, ainda são predominantemente masculinas. A fim de eliminar lacunas nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), esforços e investimentos expressivos estão sendo realizados por faculdades, organizações sem fins lucrativos e formuladores de políticas. Mas mesmo nesse domínio as notícias são animadoras, de modo geral. As mulheres detêm atualmente 36% dos diplomas de graduação concedidos em disciplinas STEM, incluindo 41% dos diplomas em ciências físicas e 42% em matemática e estatística.⁴⁹ Não se registraram, porém, progressos equivalentes para os homens em áreas tradicionalmente femininas, tais como educação e enfermagem — setores profissionais propensos a apresentar crescimento considerável do emprego. (No capítulo 11, falarei mais sobre como conseguir que mais homens conquistem esses postos de trabalho nas áreas de saúde, educação, administração e cultura.)

Em todos os países da OCDE há hoje um número de mulheres com diploma de bacharelado muito maior que o de homens.⁵⁰ A Figura 1.3 mostra essa discrepância em algumas nações selecionadas. Que eu saiba, ninguém previu que as mulheres iriam suplantar os homens com tanta rapidez, e de maneira tão generalizada e constante no mundo inteiro.

AÇÃO AFIRMATIVA FURTIVA

Atualmente, em quase todas as universidades dos Estados Unidos predominam estudantes do sexo feminino. Os últimos bastiões do domínio masculino a caírem foram as universidades da Ivy League; cada uma delas passou a ter maioria feminina.⁵¹ A feminização contínua dos campi universitários pode não incomodar muita gente, mas existe pelo menos um grupo cujos integrantes se inquietam bastante com isso: os encarregados das admissões. “Quando as matrículas se tornam majoritariamente femininas num campus”, escreveu Jennifer Delahunty, ex-reitora de admissões do Kenyon College, “menos homens e aparentemente menos mulheres consideram atrativo esse campus.” Num instigante artigo de opinião no *New York Times* intitulado *To All The Girls I've Rejected* [Para todas as garotas que rejeitei], ela afirmou publicamente o que todos sabem: “Os padrões de admissão nas faculdades mais criteriosas dos dias atuais são mais rígidos para as mulheres do que para os homens”.⁵²

As evidências desse programa furtivo de ação afirmativa que favorece os homens parecem bem claras. Nas faculdades privadas, as taxas de aceitação dos homens são significativamente mais altas que as das mulheres.⁵³ Em Vassar, por exemplo, onde 67% dos alunos são do sexo feminino, a taxa de aceitação dos candidatos do sexo masculino no outono de 2020 foi de 28%, em comparação com 23% para as mulheres.⁵⁴ Alguém poderia argumentar que isso se explica pelo fato de Vassar ter sido uma faculdade destinada a mulheres até 1969. Mas Kenyon, que era inteiramente destinada a homens até o mesmo ano, enfrenta o mesmo desafio.⁵⁵ Por outro lado, as faculdades e universidades públicas, que formam a vasta maioria dos estudantes, são impedidas de exercer discriminação com base no sexo. Esse é um dos motivos que as tornam ainda mais femininas do que as instituições privadas.

As pessoas poderiam pensar que essa discriminação baseada no sexo praticada pelas faculdades privadas é ilegal. Mas é preciso ler as letras miúdas do Título IX, Seção 1681 (a) (1), que contém uma exceção específica às disposições relacionadas à discriminação com base no sexo para admissões em faculdades

privadas. Para deixar claro, essa disposição foi criada para proteger o número pequeno de faculdades para um só sexo, e não para possibilitar a discriminação em favor dos homens nas outras instituições. Os indícios de preconceito de gênero eram tão evidentes que em 2009 foi aberta uma investigação pela Comissão dos Direitos Civis dos Estados Unidos, apesar da brecha da Seção 1681. Gail Heriot, a funcionária que desencadeou a investigação, alegou que havia “evidências de discriminação deliberada”.⁵⁶ Contudo, dois anos mais tarde o caso foi arquivado, aparentemente com base em “dados inadequados”. Ninguém sabe com certeza o que aconteceu nos bastidores. Mas acredito que a avaliação de Hanna Rosin seja acertada. “Reconhecer a dinâmica mais abrangente que originaria tal discriminação era uma ameaça de outro tipo”, ela escreveu. “Significava admitir que nesses campos eram os homens que de fato precisavam ser ajudados.”⁵⁷

Nas palavras de Delahunty, da Kenyon, numa entrevista ao *Wall Street Journal* em setembro de 2021: “Existe uma tendência de favorecimento para os meninos? Não resta dúvida. A pergunta é: Isso está certo ou errado?”.⁵⁸ A meu ver está errado. Causa-me extrema preocupação que os meninos e os homens estejam sendo superados dessa forma no terreno da educação, mas mesmo assim a ação afirmativa não pode ser a solução. (Ou talvez eu devesse dizer: “não pode ser a solução *ainda*”.) Em larga medida, as discrepâncias no nível universitário refletem as do ensino médio. Por exemplo, as diferenças no ingresso precoce no ensino superior podem ser explicadas pelas diferenças no GPA do ensino médio, e as habilidades de leitura e verbais são indicadores importantes do índice de entrada na faculdade, e são essas as áreas nas quais os meninos estão mais atrasados em relação às meninas.⁵⁹ Nivelar as habilidades verbais aos dezesseis anos eliminaria a disparidade entre os gêneros no que diz respeito à taxa de entrada no ensino superior na Inglaterra, segundo um estudo de Esteban Aucejo e Jonathan James.⁶⁰ Assim, a tarefa mais urgente é melhorar os resultados dos meninos no ensino fundamental e no médio.

INTERRUPÇÕES E DESISTÊNCIAS

Levar mais homens para a universidade é só o primeiro passo. Eles também precisam de ajuda para *concluir* a faculdade. Atualmente, como a maioria dos estudantes frequenta algum tipo de estabelecimento de ensino superior, o grande desafio é a conclusão. Existe também aqui uma diferença expressiva entre os gêneros. Os alunos do sexo masculino são mais propensos a “interrupções”, isto é, a se desviarem dos seus estudos; e são também mais propensos a

“desistir” e não concluírem os estudos. As diferenças não são pequenas: 46% das estudantes do sexo feminino matriculadas num estabelecimento de ensino superior público de quatro anos terminaram os estudos dentro desse período previsto; para os estudantes do sexo masculino, a porcentagem é de 35%. (A diferença diminui um pouco para os índices de graduação de seis anos.)⁶¹

Em 2019, Matthew Chingos, diretor do Center on Education Data and Policy at The Urban Institute [Centro de Dados e Políticas Educacionais do Instituto Urbano], em colaboração com o *New York Times*, elaborou uma tabela de classificação de faculdades baseada em seus índices de abandono. Para avaliar de maneira justa o desempenho das instituições, Chingos levou em conta o tipo de estudantes que elas matricularam, tendo em vista que “em média, as faculdades têm taxas de graduação mais baixas quando matriculam mais alunos de baixa renda, mais alunos negros e latinos, mais homens, mais estudantes mais velhos e mais alunos com notas insuficientes no SAT ou no ACT”.⁶² Em outras palavras, as faculdades não deveriam ser penalizadas por seus índices mais altos de abandono porque matricularam mais estudantes de situação desvantajosa. Quando li esse artigo, chamou a minha atenção o acréscimo das palavras “mais homens” na categoria de estudantes em desvantagem. Isso mostra que o baixo desempenho educacional de metade da população é agora um fato rotineiro para os cientistas sociais, um fato a ser acrescentado à bateria-padrão de controles estatísticos.

Os dados de Chingos sugerem que, em condições idênticas, uma escola de quatro anos só para mulheres teria um índice de graduação 14 pontos percentuais mais alto do que uma escola só para homens.⁶³ Essa diferença não é pequena. Levando-se em consideração outros fatores, tais como resultados de testes, renda familiar e notas do ensino médio, os alunos do sexo masculino correm um risco maior de desistir da faculdade do que *qualquer outro grupo*, incluindo os grupos de estudantes pobres, de estudantes negros ou de estudantes nascidos em outro país.

Contudo, um grande mistério paira sobre a questão do desempenho fraco dos homens na universidade. Acadêmicos de renome mundial investigaram as baixas taxas de inscrição e conclusão na faculdade por parte dos homens, reunindo dados e realizando revisões. Li esses estudos e conversei com muitos acadêmicos. Suas conclusões podem ser resumidas em um breve “não sabemos”. Os estímulos econômicos não nos trazem uma resposta. O valor de uma formação universitária é no mínimo tão grande para os homens quanto para as mulheres.⁶⁴ Até mesmo um acadêmico do porte de David Autor, do MIT, que analisou com profundidade os dados, acabou descrevendo como “enigmáticas” as tendências da educação masculina.⁶⁵ Mary Curnock Cook, ex-diretora do

departamento de admissões em universidades e faculdades do Reino Unido, se disse “perplexa”.⁶⁶ Quando perguntei a um dos meus filhos o que ele pensava, ele olhou para o seu celular, encolheu os ombros e disse: “Sei lá”. Talvez essa tenha sido a resposta perfeita, na verdade.

Um aspecto que recebe pouquíssima atenção nesses debates é a diferença no desenvolvimento — o fato de que o córtex pré-frontal masculino luta para alcançar o feminino até pouco depois dos vinte anos de idade. Parece claro para mim que as meninas e as mulheres sempre foram mais bem equipadas para terem êxito na universidade, assim como no ensino médio, e isso foi se tornando evidente à medida que desapareciam as pressuposições de gênero acerca do ensino superior.⁶⁷

Acredito que aqui também exista um abismo de aspiração. Nos dias atuais, as jovens em sua maioria estão convencidas da importância da educação, e a maioria delas deseja ter independência financeira. Elas enxergam o seu futuro muito mais claramente do que os seus colegas do sexo masculino. Em 1980, os alunos do sexo masculino que concluíam os seus estudos no ensino médio estavam muito mais inclinados do que suas colegas do sexo feminino a declararem que seguramente esperavam obter um diploma em quatro anos; porém, em apenas duas décadas essa situação se inverteu.⁶⁸ Também pode ser por esse motivo que muitas intervenções na educação, entre as quais a universidade gratuita, beneficiem muito mais as mulheres que os homens: simplesmente a vontade delas de alcançar o sucesso é maior. As meninas e as mulheres tiveram de lutar contra a misoginia. Meninos e homens agora lutam por motivação interior.

O livro de 2012 de Hanna Rosin tinha um título sombrio: *The End of Men*. Mas na época ela ainda acreditava que os homens estariam à altura do desafio, sobretudo na educação. “Nada como sofrer derrotas ano após ano para que uma pessoa reexamine as suas opções”, Hanna escreveu.⁶⁹ Até agora, porém, há poucos sinais de que esse reexame esteja ocorrendo. As tendências que ela identificou pioraram. Também não houve registro de nenhuma reformulação da política educacional nem da prática educativa. Com razão, Curnock Cook descreve esse estado de coisas como “um enorme ponto cego político”.⁷⁰ Com honrosas exceções — Vai, Escócia! —, os políticos que tomam decisões são dolorosamente lentos para promoverem ajustes. Talvez isso não seja nenhuma surpresa. A inversão de gêneros na educação tem ocorrido de maneira assustadoramente rápida. É como se as agulhas de uma bússola magnética invertessem a sua polaridade. De súbito, o Norte é o Sul. De súbito, trabalhar em prol da igualdade de gêneros significa concentrar-se nos meninos e não nas meninas. Isso é no mínimo desorientador. Não admira que as nossas leis, instituições e até nossas atitudes ainda não tenham se atualizado. Mas precisam fazê-lo.